

---

## Significação e contexto: relações entre língua e cultura nos pontos de renda Renasença\*

Liliane de Souza Almeida<sup>i</sup>

---

**Resumo:** A Semântica, de acordo com Ferrarezi Júnior (2010), a partir da década de 1980, ganha bastante notoriedade como campo de estudo. Faz apenas algumas décadas que os estudiosos da língua têm despertado para a importância do atrelamento de tais estudos aos aspectos culturais. É nessa conjuntura que se insere a presente abordagem das escolhas lexicais de um grupo de mulheres rendeiras, especificamente da cidade de Monteiro-PB, que, ao desenvolver uma forma de artesanato intitulada renda Renasença, permite refletir, no processo de nomeação dos pontos, sobre um possível atrelamento ao contexto sociocultural em que essas mulheres vivem. Para tanto, esta pesquisa teve como objetivo observar de que forma essas rendeiras se apropriam do vocabulário utilizado para nomear os pontos e se elas conseguem estabelecer conexões entre esse vocabulário e o seu próprio cotidiano. A partir desse estudo, constatou-se que há relação entre o contexto das rendeiras e a nomenclatura dos pontos, evidenciada através de nomes que permeiam o seu cotidiano. Contudo, essa relação só é percebida por elas quando suscitadas reflexões a respeito.

**Palavras-chave:** semântica cultural; rendeiras de Renasença; motivação cultural.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.189470>.

<sup>i</sup> Aluna especial de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: [lilialmeida21@yahoo.com.br](mailto:lilialmeida21@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1521-6328>.

## Introdução

**A** Semântica, de acordo com Ferrarezi Júnior (2010), a partir da década de 1980, ganha bastante notoriedade como campo de estudo, principalmente em sua vertente formal, ocupando os espaços oficiais de pesquisa. Atrelada a essa linha de pesquisa, a Semântica tem sido comumente definida como a ciência que estuda o significado. No entanto, essa acepção mostra-se insuficiente diante da grandeza apresentada pelos fenômenos linguísticos que emanam socialmente, sendo necessária a observação de seus fatores através de aspectos que abrangem de forma mais ampla as especificidades da comunicação, por exemplo, através da introdução dos elementos culturais que cercam os indivíduos.

Nesse sentido, os estudiosos da língua têm despertado para a importância desse atrelamento, não descartando, obviamente, as importantes contribuições de campos de pesquisa como a Sociolinguística. No entanto, é justamente nessa construção linguística e sociocultural que pode ser situada a Semântica cultural, uma vez que tal área analisa os sentidos decorrentes de situações comunicativas específicas, determinadas por um ambiente partilhado por um grupo de pessoas que têm em comum a apreensão de sentidos daquilo que as cerca, interessando a esse campo de estudos entender como, culturalmente, o falante vê o mundo à sua volta.

De acordo com Sampaio (2018):

A discussão em torno da relação entre linguagem, cognição e cultura vem tomando grande visibilidade desde o século passado, intrigando linguistas, antropólogos e diversos outros estudiosos, que se empenham para tentar esclarecer de que maneira e em que medida essas instâncias se influenciam mutuamente (SAMPAIO, 2018, p. 231).

Nesse contexto, uma perspectiva que colaborou significativamente para a introdução do fator cultural nos estudos linguísticos foi a hipótese *Sapir-Whorf*, desenvolvida em meados da década de 1920, a qual afirma que a língua que se fala influencia, em alguma medida, o modo como se pensa. Nomeada em homenagem aos seus organizadores, Edward Sapir e seu discípulo Benjamin Lee Whorf, essa teoria compreende a língua de uma comunidade como ponto de acesso à sua cultura, evidenciando sua visão de mundo. Além disso, tem como ponto central a desconstrução da crença de superioridade que as sociedades europeias acreditavam possuir sobre os povos considerados primitivos.

Esse é um importante fator a ser considerado neste estudo desenvolvido com as rendeiras, uma vez que se pretende analisar eventos comunicativos

desempenhados por pequenos grupos de mulheres de baixa escolaridade, o que poderia culminar na falta de interesse no desenvolvimento de estudos linguísticos a partir da esfera social na qual estão situadas essas mulheres.

Um autor que traz significativas contribuições na intenção de ampliar essa observação do sentido das palavras e seu aspecto sociocultural é Ferrarezi Júnior (2010), principal nome da Semântica de Contextos e Cenários no Brasil, podendo-se observar em seus estudos como ocorre esse processo de significação das palavras de uma língua, a qual se constitui por um conjunto de traços de significados culturalmente construídos em uma determinada comunidade. Logo, se há alguma relação entre as palavras e o seu sentido, esta relação é estritamente cultural.

Nessa conjuntura, uma possibilidade de estudos dentro desse campo seria o vocabulário utilizado por um grupo de falantes, as mulheres rendeiras da cidade de Monteiro-PB, observando como uma forma de artesanato — ligada à feitura de pontos de renda —, intitulada renda Renascença, pode estabelecer, especificamente por meio da nomeação dos pontos, um possível atrelamento ao contexto sociocultural em que essas mulheres vivem.

Em Almeida (2011), trabalho realizado anteriormente com esse grupo e que tinha objetivo distinto do aqui apresentado, chamou bastante atenção a nomeação recebida pelos pontos da renda Renascença, pois apareciam associados a nomes já utilizados em outros contextos do cotidiano, tais como objetos, nomes de santos, relações amorosas, entre outros. Daí o interesse de observar se as rendeiras conseguiam perceber que havia essa relação na construção de sentidos do vocabulário que era partilhado entre elas. Diante dessa observação, propiciada pela pesquisa anterior, surgiu o interesse de refletir, a partir da perspectiva semântica, a respeito de questões como: qual a percepção das rendeiras quanto a essa relação entre os nomes dos pontos e suas outras atividades cotidianas? Elas têm consciência da possível relação entre língua e cultura, a partir de suas práticas como rendeiras? De que forma, portanto, elas se apropriam desse vocabulário, herdado ao longo do tempo junto com o domínio da técnica de produzir as rendas?

Portanto, pretende-se observar de que forma essas rendeiras se apropriam do vocabulário utilizado para nomear os pontos e se elas conseguem estabelecer conexões entre esse vocabulário e o próprio cotidiano. Para isso, realizou-se um levantamento da nomenclatura existente dos pontos de renda Renascença, buscando refletir se há realmente uma motivação contextual na nomeação dos pontos e apresentar como seria realizada essa relação pelas rendeiras a partir do seu próprio cotidiano. Para tanto, utiliza-se como *corpus* deste trabalho parte do material colhido em momentos anteriores, como questionário sociocultural, bem como entrevistas realizadas na ASSOAM e na residência de uma das rendeiras, na zona rural do município de Monteiro.

Quanto aos procedimentos desta pesquisa, foram utilizados instrumentos como: entrevista informal e observação participante. As entrevistas foram realizadas informalmente com algumas rendeiras, tanto nas dependências da Associação como em suas casas. Não houve a necessidade de um roteiro pré-estabelecido, pois a finalidade era esclarecer dúvidas pertinentes ao questionário aplicado, o qual foi previamente estruturado com perguntas abertas e fechadas para a obtenção de informações socioeconômicas e culturais das rendeiras. No entanto, para manter a fidelidade das informações obtidas, optou-se por realizar a gravação de todas as entrevistas. Para fins desta pesquisa, não houve a necessidade da apuração de mais dados, visto que, durante os estudos anteriores, ao se perceber essa relação entre o vocabulário dos pontos e o contexto cultural das rendeiras, muitas informações já haviam sido colhidas.

No tocante às entrevistas, foram necessários três momentos. A primeira delas foi realizada com apenas duas rendeiras que se encontravam presentes na Associação, com o objetivo de esclarecer algumas informações obtidas no questionário. A segunda entrevista foi realizada com seis rendeiras e conformou-se como fundamental para a pesquisa que estava sendo desenvolvida. Como havia a dificuldade de reunir as rendeiras na Associação, optou-se por realizá-la de forma coletiva, isto é, com várias mulheres que residiam na zona rural, uma vez que habitavam, em sua maioria, nas proximidades de uma mesma região, o que facilitaria o acesso a grande parte delas. A localidade rural chama-se Santa Catarina e fica localizada a aproximadamente 18 km do município de Monteiro. Uma localidade pobre economicamente, onde as famílias vivem da agricultura e da produção da renda Renascença.

Assim, naquela ocasião, foram levados alguns pontos de Renascença em xerox, retirados de Nóbrega (2005), com o objetivo de observar se as rendeiras ali presentes conheciam a nomenclatura dos pontos assinalados no livro, ou se cada uma atribuía um nome diferente, para que assim pudesse ser percebida a atribuição das práticas orais no repasse da renda<sup>1</sup>. As imagens dos pontos e seus respectivos nomes eram mostrados a cada uma delas, as quais eram questionadas sobre o conhecimento de sua nomenclatura. Durante esse momento, constatou-se tanto a realização das práticas orais, como essa vinculação dos nomes a situações do cotidiano delas, suscitando a necessidade de um estudo posterior analisando tais aspectos.

Seguindo os procedimentos anteriores, a terceira entrevista foi realizada na casa de uma rendeira que residia na periferia de Monteiro-PB e teve o objetivo de registrar o repasse oral da renda Renascença pelas rendeiras. Na ocasião, encontravam-se presentes apenas duas rendeiras. Vale ressaltar que as informações obtidas nesse momento, em específico, não constarão nesta

---

<sup>1</sup> Esse era o objetivo central da pesquisa anterior que culminou nesta.

pesquisa, servindo apenas para esclarecimento da forma como ocorreram as entrevistas e a coleta de dados.

Assim sendo, ao analisar o atrelamento dos nomes de renda Renascença, realizado por esse grupo de mulheres, ao seu contexto sociocultural, bem como a percepção que possuem desse processo, contribui-se de forma significativa para entender um pouco mais desse sistema de intersecção existente entre língua e mundo, tentando demonstrar em que medida um contribui para a formação do outro, pois, conforme pontuam Paula, Almeida e Rezende (2016, p. 235) “[...] assim como a língua exerce influência sobre o pensamento de seus falantes, estes e o contexto cultural em que estão inseridos também agem sobre a língua”<sup>2</sup>.

Nesse sentido, para que se possa compreender como é construída essa relação contextual entre a nomeação dos pontos e o cotidiano das rendeiras, serão apresentados importantes conceitos referentes à Semântica de Contextos, os quais fundamentam essa corrente teórica e demonstram como é viabilizada essa relação. Ademais, será apresentado um breve histórico sobre o surgimento da renda Renascença e sua chegada às regiões do Cariri paraibano onde se desenvolve essa arte, pois a forma como a Renascença se estabelece nesses lugares e as condições para que isso ocorra irão de alguma forma colaborar para essa inter-relação.

## **1. Introdução aos estudos semânticos e à Semântica de Contextos e Cenários**

De acordo com Ferrarezi Júnior (2010), para que a Semântica fosse reconhecida enquanto ciência, foi necessário que ela se baseasse nos três fundamentos que permeiam a noção de ciência, ou seja, que estipulasse seu objeto de estudo e delimitasse o objetivo e os métodos a serem utilizados. No entanto, o elemento que se define como objeto a ser estudado — o significado —, não traz consigo uma noção clara do que de fato representaria, logo, nenhuma teoria deu conta de definir um conceito claro do que seja realmente o significado, ou seja, não foi possível estabelecer com exatidão qual o objeto de estudo da Semântica.

Várias correntes teóricas se colocaram à frente da tarefa de tentar delimitar o que seria o significado. Uma das primeiras contribuições adveio dos gregos, os quais concebiam o significado como uma energia que encarnava na palavra. Em oposição a essa explicação metafísica do significado, podemos citar a dos racionalistas, que propunham que os signos referem-se diretamente a um objeto. Frege (1978 *apud* FERRAREZI JÚNIOR, 2010), numa posição também

---

<sup>2</sup> Conceito de língua como sistema linguístico atribuído por Saussure.

contrária, acreditava que o significado não era um objeto ao qual uma palavra alude, pois era necessário diferenciar o objeto de sua significação.

Dessa forma, no tocante à delimitação do estudo, havia um grande problema evidenciado por esse autor. De acordo com Ferrarezi Júnior, “[...] ou somos capazes de definir o significado ou abortamos a ideia de que a Semântica estuda o significado” (2010, p. 32). Assim, a partir da contribuição de várias correntes teóricas, percebeu-se que era praticamente impossível delimitar com precisão um conceito para o significado, pois era algo arbitrário que não tinha como ser definido.

Partindo desse princípio, é necessário entender que a Semântica não deve centrar seus estudos apenas no significado, mas também no sentido, tendo em vista que os dois são objetos distintos, porém relacionados, sendo o significado de natureza orgânica e o sentido, de natureza cultural. Assim sendo, Ferrarezi Júnior (2010) alega que é preciso observar:

[...] de que diferentes formas os sistemas linguísticos conseguem, com seus instrumentos próprios, fazer uso de sentidos para ativar significados num processo de representação do mundo e seus eventos no qual esses sistemas linguísticos são intermediários (FERRAREZI JÚNIOR, 2010, p. 55).

Levando em consideração as palavras do autor, pode-se ponderar que a apreciação da Semântica passaria, necessariamente, pela análise do contexto linguístico, uma vez que o sentido é algo externo à língua, estabelecendo-se por seu compartilhamento na comunidade. Prova disso é que, se um grupo linguístico desconhece a representação de uma palavra, para ele não farão nenhum sentido algumas dessas representações. Por ser o sentido algo motivado socialmente, é necessário que haja a especialização dos sentidos e, conseqüentemente, seu compartilhamento entre esses membros.

Outro autor que traz importantes contribuições nesse sentido é Bezerra (1998). Em seus trabalhos, mesmo utilizando a nomenclatura de léxico em vez de palavra, esse autor colabora para a confirmação da teoria apresentada pelos estudiosos supracitados, afirmando, pois, que não se pode observar o léxico como um simples elemento que compõe a língua, pois esta unidade encontra-se relacionada com o processo de nomeação das coisas e seres que nos cercam, com a necessidade de rotulá-los. Nesse sentido, Biderman (2001, p. 13) afirma que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: a palavra”. O léxico, de acordo com suas palavras, é a representação de como nós, seres humanos, apreendemos a realidade, sendo através do léxico

que o homem interage com o mundo a sua volta, configurando-se, portanto, como um ato de cognição<sup>3</sup> social.

Segundo Ferrarezi Júnior (2010), nenhuma língua tem palavras específicas para todos os sentidos. Por isso há a necessidade de realizar empréstimos, seja de outra língua — os estrangeirismos —, ou da própria língua, entretanto com a inserção de outros sentidos. Essas lacunas no léxico existem, justamente, porque a construção dos sentidos é ainda mais complexa do que a do léxico de uma língua. Além disso, Ferrarezi Júnior (2010, p. 83) aponta que: “É muito mais econômico usar sinais que já conhecemos, mesmo que associando a outros sentidos costumeiros, do que ficar criando sinais para cada novo sentido que a cultura constrói”. Percebe-se que o reaproveitamento de uma palavra para outros sentidos configura-se, também, como um princípio de economia da língua, o qual se justifica pela viabilização dos atos comunicativos na sociedade.

É justamente nessa direção que pode ser situada a Semântica cultural, uma vez que tal área analisa os sentidos decorrentes de situações comunicativas específicas, determinadas por um ambiente partilhado por um grupo de pessoas, e que têm em comum a apreensão de sentidos daquilo que as cerca, interessando a esse campo de estudos entender como, culturalmente, o falante vê a referência que faz do mundo à sua volta.

Para a Semântica de Contextos e Cenários, o sentido é externo, manifestação do significado em uso linguístico, estando, portanto, arraigado no uso social que lhe é atribuído. Essa corrente de estudos atenta para as especificidades das línguas, para o fato de que uma palavra pode ter sentidos diferentes a depender da comunidade linguística, ou ainda, para o fato de que há várias possibilidades de léxicos para as coisas no mundo à nossa volta. Outro importante elemento a ser apontado é o caráter polissêmico das palavras, o qual se justifica pela interferência do contexto social, tornando mais evidente a importância da matéria com que trabalha a Semântica cultural.

Como forma de exemplificação, Ferrarezi Júnior (2010) utiliza o vocábulo *casa* para demonstrar como essa palavra pode ter vários sentidos — estes, amplamente conhecidos pelos falantes de língua portuguesa —, sendo, portanto, necessário ao falante situar a comunicação em um determinado contexto e em um cenário idealizado pelos interlocutores, para que seu interlocutor saiba do sentido (especialização) que tem de fato essa palavra naquela situação de uso. Dessa forma, na visão do autor supracitado, seria um erro apoiar-se a uma teoria exclusivamente pautada na palavra isolada do sentido, uma vez considerando-se

---

<sup>3</sup> “A cognição social emergiu em meados dos anos 70 e representa uma abordagem conceptual e empírica genérica [...] que procura compreender e explicar como é que as pessoas se percebem a si próprias e aos outros, e como é que essas percepções permitem explicar, prever e orientar o comportamento social” (GARRIDO; AZEVEDO; PALMA, 2011, p. 16).

que este seja móvel, sendo imprescindível para sua compreensão a sua relação com o contexto.

Tal centralização deve-se à necessidade da língua de cristalizar e vincular sentidos mais frequentes aos objetos no mundo. Assim, para dar conta de toda essa conjuntura, a Semântica de Contextos e Cenários adota uma abordagem interfacial, compreendendo tanto a Semântica como a Pragmática, fundamentada na especialização de sentido, conformando-se da seguinte forma: “O sentido de um sinal-palavra somente se especializa em um contexto e o sentido do contexto somente se especializa em um cenário” (FERRAREZI JÚNIOR, 2010, p. 112). Desse modo, pode-se observar que, para essa área de estudo, tais aspectos são complementares e imprescindíveis para a compreensão dos fenômenos linguísticos que nos cercam. Logo, para que a especialização de sentidos ocorra, a Semântica de Contextos e Cenários utiliza o seguinte esquema:

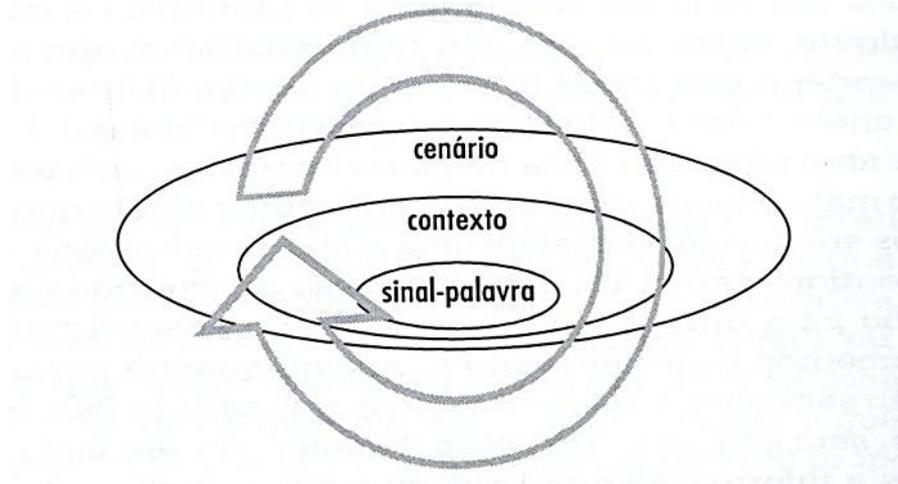
Especialização de sentido é a definição exata do sentido [...] associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra *x*, em um contexto *y* e um cenário *w*, devidamente identificados e definidos, estará associado a um e apenas um sentido *s* e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência *v*, e não outra, em um mundo *m* (FERRAREZI JÚNIOR, 2010, p. 113).

Pode-se depreender de tal afirmação que toda e qualquer palavra (sinal) está inserida em um determinado contexto, o qual deverá ser observado para que sua significação em uso possa ser apreendida em sua totalidade, isto é, para que seja viabilizada. Atrelado a isso, está o cenário, responsável por situar o sentido desse sinal, construído a partir da visão de mundo dos que estão envolvidos no ato comunicativo, pois conforme observado em outros momentos<sup>4</sup>, uma palavra pode ter sentidos diferentes, sendo o cenário em que ocorre a interação o responsável por delimitar esse sentido, proporcionando a compreensão da comunicação. Por isso, é necessária a análise do cenário, já que só o contexto é incapaz de proporcionar (situar) esse sentido, cabendo, assim, a ele essa especialização.

Tal fator deve-se à importância do aspecto cultural para a Semântica de Contextos e Cenários, pois os sentidos expressam muito mais do que suas associações referenciais, atrelando-se, fundamentalmente, a valores culturais, os quais geram uma impressão mental nos falantes, vinculando o “sentido” à situação comunicacional, compreendendo todos os fatores relevantes para os interlocutores na especialização dos sinais. A figura abaixo ilustra como se dá o processo de significação do sentido:

---

<sup>4</sup> Exemplo da palavra *casa* já mencionado anteriormente.

**Esquema 1:** Organização do esquema proposto pela Semântica de Contextos e Cenários.

Fonte: Ferrarezi Júnior (2010, p. 128).

Conforme pode ser observado, a seta demonstra que tal processo realiza-se de forma cíclica, em que um fator depende do outro para a especialização do sentido. Sua compreensão é imprescindível para o entendimento dos fenômenos linguísticos que nos circundam, a exemplo dos realizados pelas rendeiras de Renascença, as quais através da nomeação de seus pontos são um importante exemplo de como se dá a construção de sentidos a partir da cultura em que estão inseridas e de como essa representação pode ser compreendida pelo cenário específico de tais eventos comunicativos.

De tal modo, seus pontos são uma possibilidade de representação de seus mundos, suas vivências, aquilo que para essas rendeiras resulta verdadeiramente importante e significativo. Portanto, ao se pensar a construção da palavra levando em consideração tais perspectivas, se está contribuindo para uma visão mais ampla de língua e mundo, uma vez que nem um nem o outro encontram-se devidamente acabados.

## 2. A renda Renascença: origem e propagação

Há indícios de que o surgimento da renda Renascença deu-se por volta dos séculos XV e XVI, na Europa, com Itália e Flandres reivindicando a paternidade dessa arte. Sua forma surge do descontentamento dos europeus com os repetitivos bordados da época, os quais passaram a criar diferentes tipos de pontos, chegando ao que se convencionou denominar de *punto in aere* (ponto no ar). Este ponto não estava necessariamente atrelado ao tecido como os demais e sua utilização estava inicialmente ligada ao vestuário, servindo de adorno para peças masculinas e femininas, como em lingerie, punhos e golas,

usado apenas por personagens ilustres como reis e rainhas, ganhando, assim, mais *status*.

O nome renda Renascença provém do período histórico denominado Renascimento. Em meados do século XVII, houve a chegada dessa arte no Brasil, especificamente na cidade de Olinda-PE, situada na região Nordeste nas configurações político-regionais de hoje, por meio da fundação de um convento constituído por religiosos portugueses da congregação intitulada *Carmelos*. Em 1823, tais religiosos foram expulsos por motivos políticos, pois discordaram da Independência Nacional. Após décadas, o convento foi novamente ocupado por religiosas francesas conhecidas como *Filhas da Caridade*, que produziam um bordado de excelente qualidade e, por isso, mantiveram uma rica freguesia, preservando o segredo da renda Renascença para que não se espalhasse. Algumas rendeiras no século XV, na Itália, foram, inclusive, impedidas de deixar seu país para que tal segredo não fosse difundido por outras regiões, uma vez que o ensinamento era repassado de forma visual e oral e não havia nenhum registro escrito.

### **2.1. A renda Renascença na Paraíba**

Na década de trinta do século XX, essa arte se propagou, tendo como principal responsável a paraibana Elza Medeiros, conhecida como “Lala”, que, apesar de ser da cidade de São João do Tigre-PB, por razões políticas, deixou sua residência para ir morar em Poçoão-PE. Em uma determinada ocasião, foi-lhe ensinado o ofício da Renascença para ajudar na confecção de uma grande peça que deveria ser entregue em um prazo determinado. O ensinamento se deu através de Maria Pastora que, para cuidar da mãe em Poçoão-PE, teve que se ausentar e levar consigo a encomenda. Por sua habilidade, era chamada para ajudar na confecção das peças junto às irmãs do convento *Filhas da caridade*, isto devido ao grande número de encomendas que recebiam.

Neste mesmo período, o Nordeste<sup>5</sup> enfrentava uma das maiores secas de todos os tempos. Em particular, no Cariri paraibano a população passava por dificuldades sociais e econômicas devido a problemas de desertificação, baixa incidência de chuvas e poucas alternativas de desenvolvimento. Nesse contexto, a renda Renascença se tornou uma das atividades econômicas mais viáveis. Isso foi possível graças ao trabalho da então paraibana “Lala”, que, se sensibilizando com a situação, resolveu propagar o seu aprendizado a outras mulheres daquela região. O ensinamento dava-se em um salão amplo na cidade de Poçoão-PE, e as peças produzidas eram comercializadas em Pesqueira-PE, e até mesmo na capital

---

<sup>5</sup> A denominação Nordeste, conhecida atualmente, passou a ser usada a partir da década de 1970, sendo resultado de significativas modificações geopolíticas.

do estado. Com o tempo, de acordo com Nóbrega (2005), a Renascença se expande, chegando até a região do Cariri paraibano<sup>6</sup>.

Segundo este autor, foi na década de 1950, mais precisamente, que a renda Renascença chegou à Paraíba, concentrando-se no Cariri paraibano, através de algumas mulheres que residiam nos distritos de Camalaú, Zabelê, São Sebastião do Umbuzeiro, São João do Tigre, antes pertencentes ao município de Monteiro. A partir da propagação e expansão dessa atividade a tantos lugares, pode-se observar a representatividade econômica e, principalmente, cultural da renda Renascença nessa região, elementos esses que favorecem a sua realização. Além disso, uma forma de melhor compreendê-la é através da imersão em outros aspectos dessa atividade, tais como os linguísticos, os quais estão intrinsecamente relacionados ao seu desenvolvimento, como poderá ser visto nos tópicos posteriores.

### 3. Apreciação dos dados: a arte de tecer e sua relação com o mundo

Língua e mundo estão intimamente entrelaçados, não sendo possível observá-los sem interferência mútua e simultânea. Prova irrefutável é o reconhecimento de sua importância evidenciada na utilização desses elementos culturais nas mais variadas áreas de estudos. Esse direcionamento propicia a apreciação mais ampla dos eventos que compõem os fenômenos linguísticos, proporcionando um olhar mais aprofundado sobre o mundo à nossa volta.

O levantamento dos nomes dos pontos de Renascença, conforme sugerido na introdução, foi realizado com base nos estudos de Nóbrega (2005). Assim como pode ser constatado, tais vocábulos detêm ligação direta com o cotidiano dessas rendeiras, por estarem relacionados: a nome de comidas (*arroz, xerém, cocada*); a elementos da flora (*abacaxi, flor*); à fauna regional (*caramujo, traça, aranha, mosca*); a santos (São Paulo); a objetos do cotidiano (*laço, balaio, malha, sianinha, torre, vassoura, xadrez*); a elementos abstratos (*amor seguro e dois amarrados*), entre outros.

Como sugere Sampaio (2018), o processo de nomeação que dá origem ao léxico da língua surge a partir do momento em que um nome é socialmente aceito para tal. Proveniente de situações bastante adversas e particulares, a atividade artesanal produzida pelas rendeiras de Renascença atribui-se de elementos já conhecidos à sua volta para que consiga concretizar-se e estabelecer-se significativamente no mundo.

---

<sup>6</sup> Segundo Veit (2003), a Renascença pode ser encontrada também em outros estados, como Ceará, Sergipe e Bahia.

Assim, os pontos foram apresentados às rendeiras a partir de uma prévia seleção, para que se pudesse observar a apropriação desses vocábulos por essas mulheres e a percepção delas sobre essa relação com o próprio cotidiano. O que pôde ser observado é que a apropriação que fazem dessa nomeação é de ordem tão natural, que a maioria das rendeiras participantes da pesquisa não se dava conta dessa interrelação, propositalmente sugerida a todo momento nesta pesquisa, de acordo com o que pode ser observado nos trechos abaixo:

**Pesquisadora-** o santo São Paulo... é o santo São Paulo... por quê? porque o nome desses pontos... ele vai ter ligação direta:: com o dia-a-dia de vocês... é por isso que tem... São Paulo... que é um santo... aí vou pesquisar mais pra saber... assim... se tem algum direcionamento a:: algum milagre... a alguma coisa... me digam aí...

**Rendeira 2-** tem a vassoura que é de varrer a casa...

**Pesquisadora-** [ mas é... porque olhe::...quem tiver com a folha um aí... pode olhar::

**Rendeira 4-** a gente num é dona de casa né?

**Professora orientadora**<sup>7</sup>- num está ligada a rotina de casa né? então tem que tá ligada ao dia-a-dia de vocês mesmo

**Pesquisadora-** quem tiver com a imagem de São Paulo pode olhar que essa vassoura lembra uma vassoura mesmo

**Rendeira 1-** é uma vassoura

**Pesquisadora-** aí:: o que é que a gente

**Rendeira 2-** [ aí:: o que a gente tem que fazer é colocar os nome tudin

**Pesquisadora-** é:: porque ((gagueja)) é porque... é:: tá ligado ao cotidiano... é:: nada mais justo que algo que seja ligado ao cotidiano de vocês... num é isso? outro... o nome de uma comida? comida daqui?

**Rendeira 1-** tem cocada

**Rendeira 4-** arroz...

**Pesquisadora-** cocada... arroz... xerém... tá vendo que tá tudo ligado ao dia-a-dia

**Rendeira 2-** tem ponto xerém é?

**Pesquisadora-** tem o ponto xerém... tem ponto...

**Rendeira 1-** [ tem aquele dois amarrados... que é pro caba ficá amarrado dentro de casa<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Na ocasião, tratava-se de outra orientadora, pois o *corpus* da análise foi extraído de uma pesquisa anterior. Justamente por ser constatada essa relação é que este trabalho foi desenvolvido.

<sup>8</sup> Algumas normas de transcrição de fala para melhor compreensão dos diálogos apresentados no *corpus*:

- Incompreensão de palavras ( )
- Hipótese do que se ouviu (hipótese)
- Entonação enfática letras em maiúsculas
- Prolongamento de vogal e consoante :: :: ::
- Qualquer pausa ...
- Comentários descritivos do transcritor ((letra minúscula))
- Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida (...)
- Interrogação ?

Fica bastante evidente essa constante tentativa de atrelamento dos nomes dos pontos ao cotidiano das rendeiras, por parte da pesquisadora, pois, uma vez percebida essa relação, o interesse era descobrir se as rendeiras também se davam conta desse aspecto tão peculiar, prontamente reconhecido por uma das rendeiras presentes, a qual justifica que de fato elas exercem atividades direcionadas ao lar e a vassoura é um objeto que faz parte desse contexto.

De acordo com Ferrarezi Júnior (2010), os sentidos expressam muito mais do que suas associações referenciais, atrelando-se, fundamentalmente, a valores culturais, os quais geram uma impressão mental nos falantes. Tal fator pode ser comprovado quando a Rendeira 1 atrela o sentido do ponto dois amarrados ao fato de “pro caba ficá amarrado dentro de casa”, revelando, por exemplo, um contexto sociocultural bastante comum à realidade feminina vigente, visto que o homem tem essa “liberdade” para deslocar-se socialmente e a mulher não tem, e tudo que deseja é, pelo menos, a permanência dele em casa. Vale ressaltar, ainda, o caráter místico e religioso que essa fala transmite, uma vez que há a crença de que ao tecer um ponto com tais características, seja na roupa do marido, como adereço, ou, mais comumente, em uma peça da casa, talvez, na visão dessas mulheres, submetidas a esse contexto sociocultural, emocional e religioso de dependência de seus pares, se estaria colaborando para a permanência do cônjuge junto a sua esposa. Essa seria uma forte evidência, conforme já pontuado, desse caráter cultural como principal aspecto da nomeação da renda Renascença.

Além disso, os pontos de renda Renascença poderiam receber vários nomes, inclusive, criados para esse fim. No entanto, eles foram reaproveitados a partir de vários elementos, por meio dos quais, todos estão diretamente vinculados às experiências sociais dessas mulheres. Retomando o contexto sociocultural de surgimento dessa atividade, logo percebe-se como isso pode ser de alguma forma explicado, já que se propaga e se expande às mais variadas regiões do Nordeste, como uma atividade econômica realizada na tentativa de cercear a miséria que aplacava essa região, em uma época em que a seca castigava cruelmente. Por isso, compreende-se a necessidade de reaproveitamento de itens lexicais em prol de uma atividade que acabava por ser criada e carecia de ser disseminada da forma mais compreensível possível. E nada melhor do que aquilo que essas rendeiras conheciam tão bem, ou seja, sua realidade.

Vale ressaltar, ainda, que os pontos demonstrados na entrevista foram retirados do livro de Nóbrega (2005), o qual chegou a esses nomes por meio de uma vasta pesquisa realizada nesse universo da Renascença, compreendendo as várias regiões que desempenham essa atividade. Por isso, é comum que algumas rendeiras não consigam relacionar de imediato o ponto ao respectivo nome, pois,

---

• Superposição, tomada de vozes

[

a depender da região, pode haver certa disparidade em relação à nomenclatura utilizada, uma vez que a forma como as rendeiras de cada região se apropriam desses vocábulos vai passar, necessariamente, pelo seu contexto e, por isso, a especialização do sentido desses vocábulos sofrerá variações.

**Pesquisadora-** humm:: vamo pra outra folha... vamo pra folha dois... tem um ponto aqui que eu acho LINdo... aqui ó:: esse último aqui... o sexto ponto... esse último ponto daqui... tá vendo?

**Rendeira 1-** esse?

**Pesquisadora-** sim:: qual é o nome dele?

**Rendeira 4-** qual?

**Pesquisadora-** o sexto ponto... na folha dois... viu?

**Rendeira 1-** é conhecido com abacaxi

**Pesquisadora-** abacaxi com laço?

**Rendeira 4-** abacaxi de três com laço

[  
**Rendeira 1-** esse aqui é abacaxi de três COM caraMUjo...

**Pesquisadora-** abacaxi de três com caramujo?

**Rendeira 1-** é::

**Pesquisadora-** ((referindo-se às demais rendeiras)) e vocês... e aí:: como é que vocês conhecem? D. ((presidente da associação)) tu tais com a folha dois D.?

**Rendeira 2-** não... esse aqui eu nunca tinha visto não

**Pesquisadora-** nunca tinha visto não? e aí?

**Rendeira 1-** esse aqui parece...

[  
**Rendeira 3-** é não cumade... é caramujo

**Pesquisadora-** então:: é abacaxi de três com caramujo?

**Rendeira 2-** é::

**Pesquisadora-** o caramujo é essa bolinha do meio é?

**Rendeira 1-** é:: a bolinha do meio

**Pesquisadora-** a bolinha do meio é o caramujo? aí::... ela tá catalogada como caramujo e torre... tá catalogada como caramujo...

[  
**Rendeira 1-** é abacaxi com caramujo

Levando em consideração tais aspectos, a nomeação dos pontos revela, assim como apontam os estudos da Semântica de Contextos e Cenários, que ela só pode ser compreendida a partir do contexto em que se encontram as rendeiras, pois, de acordo com Ferrarezi Júnior (2010), só o cenário em que a palavra está inserida pode propiciar a especialização do sentido, colaborando para a compreensão de sua significação nesse contexto. Por essa nomeação ser contextual e cultural, para algumas rendeiras de Renascença pode fazer mais sentido um nome em detrimento de outro, assim como pode o ponto ter recebido determinada nomenclatura em uma região, a qual difere das demais localidades. Ademais, essa disparidade é algo típico de uma atividade que tem como principal característica o repasse oral<sup>9</sup>, fator este também muito importante a ser

---

<sup>9</sup> Ver Almeida (2011).

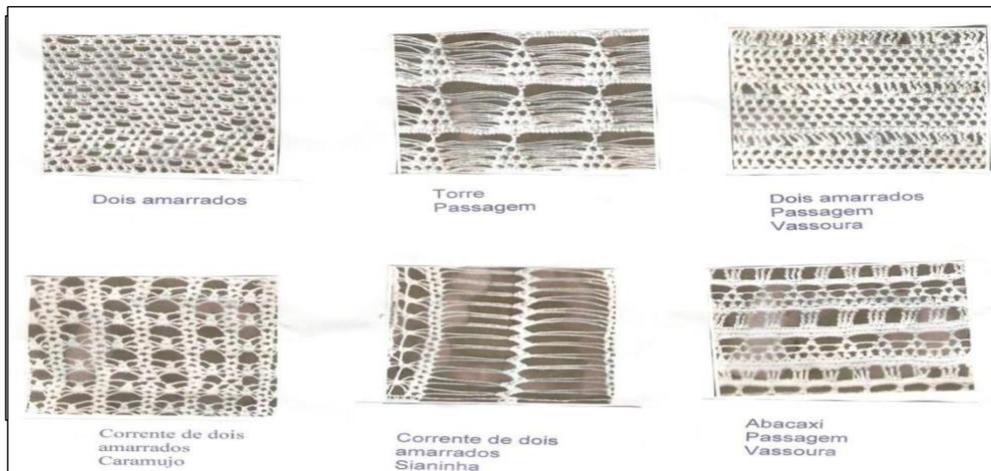
considerado para a falta de unidade nas nomenclaturas dos pontos. Tal fator pode ser ratificado em outro momento da entrevista, segundo demonstrado no trecho abaixo:

- Rendeira 1-** esse aqui é sianinha ((referindo-se às imagens dos pontos que estavam no papel, que lhes foram entregues))  
[
- Rendeira 2-** sianinha não?  
**Rendeira1-** só sianinha  
**Rendeira 1-** esse aqui num é dois amarrado... né? é o que chama cocada...  
**Rendeira 3-** é cocada com caramujo né? é o que nós sabe né?  
[...]
- Rendeira 2-** o que tem três ponto é esse aqui ó:..  
**Rendeira 1-** esse daqui é torre e caramujo  
**Rendeira 2-** é... torre e caramujo  
**Rendeira 3-** é como caramujo feito a torre ó:..  
**Rendeira 4-** isso é ponto meia com aranha:..  
**Rendeira 1-** e esse aqui?  
**Rendeira 2-** esse aqui é dois amarrado com passagem né?  
**Rendeira 3-** e esse aqui é o quê?  
**Rendeira 1-** esse aqui é o cocada com ( )  
**Rendeira 4-** e tem mais nome... é que eu me esqueço dos nome..  
**Pesquisadora-** é isso... olha:... eu não sei... mas... me corrijam se eu tiver errada...mas eu procurei... assim:..... eu tinha umas imagens... e procurei os pontos mais utilizados... esses daí são os mais utilizados mesmo? Ou esses daí são mais incomum?  
**Rendeira 2-** esse daqui eu nunca vi ((referindo-se a um ponto))  
**Rendeira 1-** falando a verdade... esse aqui foi o que eu nunca vi...esse daqui eu nunca vi não..  
**Rendeira 3-** deixa eu ver aqui cumade... nós aqui conhecemos como dois amarrados com com com... (caramujo)

Ao observar os pontos, as rendeiras logo fazem seu reconhecimento atribuindo-lhes outros nomes, adaptando-os ao seu próprio universo cultural. Além disso, a renda Renascença é uma atividade que remonta ao século XV e expande-se por várias regiões, por isso é comum que nem todas elas saibam tecer todos os pontos existentes ou os reconheçam.

No entanto, esses pontos também conservam características que atendem aos nomes que recebem, colaborando para a sua identificação, assim como pode ser constatado na imagem abaixo:

Figura 1: Pontos de Renascença



Fonte: Nóbrega (2005, n.p).

Assim como atesta Ferrarezi Júnior (2010), quando evidencia que a relação entre sinal e sentido se estabelece pelo aspecto cultural, ou seja, no ambiente cultural da comunidade, pode-se constatar que esse entrelaçamento também ocorre pautado na semelhança que os pontos conservam com o nome a que remetem, algo que pode ser claramente observado em pontos como “*aranha*”, “*laço*”, “*vassoura*”, “*torre*”, entre outros. Logo, a visão de mundo dessas mulheres, perpassada por suas vivências, é que lhes permite enxergar e reproduzir para outras rendeiras a configuração estética presente nos pontos, contribuindo para a memorização e a perpetuação dessa arte.

Segundo pôde ser observado nos dados colhidos no questionário, essas mulheres, em sua maioria, não desempenham outras atividades que não sejam as desenvolvidas em suas próprias casas. Uma vez que o tecimento da Renascença é realizado em seus lares, nota-se o estabelecimento de uma relação tão próxima a tais elementos:

**Rendeira 1:** de manhã... olha... eu me levanto muito cedo... aí... quando é sete horas... seis horas... já tá tudo... Ó... o almoço já tá pronto... aí eu vou embora pra roça... aí trabalho... faço o que tenho que fazer... na roça eu faço... se for pra limpar o mato... se for pra destocar uma coisa... o que tem de fazer eu faço... aí quando é dez horas... eu tenho que ir embora pra casa... ajeitar os meninos... dá o almoço aos meninos... pros meninos ir pro colégio... aí fica... termina ali... tomo banho e vou embora trabalhar com a Renascença...

Ainda de acordo com Ferrarezi Júnior (2010), no tocante a esses vocábulos citados e partilhados nas mais variadas esferas sociais, nenhuma língua detém um léxico exclusivo para cada situação de uso, conformando-se seu vocabulário a partir do reaproveitamento de palavras de diferentes áreas, como culinária,

religião etc., o que se configura, também, como um princípio de economia da língua, justificado pela viabilização de uma solução comunicativa para as necessidades que emergem da comunicação em sociedade. No caso específico das rendeiras, isso propicia a interação entre elas, pois mesmo que determinado ponto não compartilhe da mesma nomenclatura, sempre haverá um traço no ponto que facilitará a compreensão mútua, como pode ser constatado no trecho abaixo:

- Rendeira 1-** agora... tem muitos ponto que a gente não conhece  
**Pesquisadora-** tá:... assim:: e mesmo se vocês não soubessem o nome... se eu dissesse assim... ó:...tem um ponto aqui que eu não sei fazer... mas você vendo... você sabe fazer?  
**Rendeira 1-** sabe  
**Pesquisadora-** sabe? e sabe como repassar também... pra outra pessoa?  
**Rendeira 1-** sabe  
**Pesquisadora-** só de ver?  
**Rendeira 1-** só de ver qualquer uma de nós sabe  
**Rendeira 4-** ela manda um trabalho e só de ver a gente sabe  
**Pesquisadora-** manda o quê... manda o nome dos pontos?  
**Rendeira 4-** isso  
 [  
**Pesquisadora-** e por não ter:: todo mundo... pronto... o mesmo nome do ponto...eh:... quase todo mundo aqui:  
 [  
**Rendeira 4-** como D. ((presidente da associação))  
 é a que mais traz e que mais (corra) aí:: a gente vê e pronto né? ela manda a mostrinha

Além dos nomes preservarem características que naturalmente se atrelam aos pontos, ainda há o desenvolvimento de estratégias como das “mostrinhas”, que facilitam a identificação das peças para que seja possível o seu tecimento.

Alguns nomes que têm relação com aspectos sentimentais ou religiosos colaboram ainda mais para a constatação da motivação cultural dos pontos de Renascença. Em particular, aqueles pertencentes às crenças religiosas que permeiam o grupo desde a sua propagação e disseminação em território local, conforme pode ser constatado na fala da própria rendeira, quando indagada sobre o nome São Paulo e sobre sua procedência vir de um santo:

- Pesquisadora-** vassoura com São Paulo? todo mundo acha que é? alguém conhece por outro nome?  
**Rendeira 2-** vassoura com três passagens  
**Pesquisadora-** alguém que tem o:... tá na folha um viu gente?  
**Rendeira 4-** é vassoura com São Paulo e torre  
**Rendeira 1-** é... três passagens é São Paulo  
**Pesquisadora-** três passagens é São Paulo? Vocês sabem por que São Paulo? São Paulo... que São Paulo? se é São Paulo cidade... o que é?  
**Rendeira 3-** num sei porque o povo chama São Paulo

**Rendeira 1-** é que: na minha opinião é assim:... que tá três... duas...em cima de uma

**Pesquisadora-** tá:... vocês sabiam que:: esse São Paulo aqui se refere ao nome do Santo

**Rendeira 2-** o santo São Paulo?

A motivação para o recebimento do nome religioso desse ponto é desconhecida pela própria rendeira, reforçando a tese aqui proposta de que a herança cultural seria fator determinante para o vocabulário usado por elas em suas práticas desenvolvidas. Além disso, o conhecimento desses termos utilizados pelas rendeiras independe do conhecimento linguístico que qualquer usuário da língua detenha. Todavia, para alguém que não partilhe do mesmo contexto sociocultural, mesmo sabendo a significação de palavras tão comuns quanto *abacaxi*, *traça*, *vassoura*, seria quase impossível o reconhecimento desses nomes remetendo a pontos de renda Renascença, uma vez que é um conhecimento que permeia socialmente entre as rendeiras e, talvez, ainda, entre aqueles que fazem uso dessas peças.

Por isso, de acordo com Ferrarezi Júnior (2010), a Semântica de Contextos e Cenários entende a necessidade do estudo da especialização do sentido que as palavras sofrem no momento de interação linguística, observando aspectos como o contexto e o cenário de execução em que está situada a comunicação. Nesse caso, em específico, seria necessário, antes, entender a especialização do sentido que esses vocábulos sofrem na situação comunicativa em que se inserem, para assim compreender que tais palavras funcionam como nome de pontos de renda Renascença. Assim sendo, a especialização do sentido, de acordo com Ferrarezi Júnior (2010), ocorreria pelo conhecimento do contexto comunicacional em que ocorre essa interação, ou seja, a nomenclatura dos pontos utilizada pelo grupo de artesãs de renda Renascença, bem como a especificação do cenário em que ocorre, caracterizado pelo conhecimento dos elementos do cotidiano dessas mulheres a que remetem esses pontos. Dessa forma, por se tratarem de palavras que, conforme já dito anteriormente, são recuperadas de outros contextos de interação e, por isso, apreendidas com sentidos diferentes, a observação de tais elementos é necessária para que se possa compreender satisfatoriamente o sentido desses vocábulos em um contexto tão específico como o das rendeiras, situando a realização de suas referências no universo linguístico, social e cultural em que estão situadas.

## Considerações finais

Após dois estudos já realizados com esse grupo de artesãs em Almeida (2009 e 2011), os quais vislumbravam outros aspectos, percebeu-se que a renda Renascença ainda poderia revelar mais sobre o mundo no qual se conforma. A riqueza dessa atividade artesanal extrapola a confecção de suas peças através de

um complexo emaranhado cultural envolvendo o processo de feitura e nomeação das peças.

A arte desenvolvida por essas rendeiras é tão rica, que é impossível não tentar se aproximar um pouco mais desse universo, e a questão da nomenclatura é um dos fatores que mais chamam a atenção, pois, assim como apontado em itens anteriores, essa atividade expande-se em toda a região do Cariri paraibano devido aos fatores contextuais da época, demonstrando viabilidade econômica, já que pode ser realizada dentro de casa, assim como a sua importância financeira, representando muitas vezes a única fonte de renda da família.

Outro fator relevante, no que concerne aos pontos, é o fato de sua nomeação poder representar tão bem o mundo dessas mulheres, servindo-nos de base para entendê-las enquanto sujeitos socioculturalmente constituídos, colocando em evidência suas crenças religiosas, seus afazeres cotidianos, as frutas comuns na região e, principalmente, algo tão particular como as manifestações amorosas, ao ponto de revelar aquilo que é desejado por essas mulheres, como a permanência de um companheiro ao seu lado.

Atrelado a isso, cabe ainda observar como essa nomeação é apreendida e repassada entre essas mulheres sem que haja a necessidade de reflexão sobre a relação direta que detém com o cotidiano. Esse fator fica bastante evidente a partir da fala das próprias rendeiras, que constantemente estavam sendo estimuladas a refletir sobre esse processo e, só assim, despertavam para essa analogia. Por esse vocabulário ser culturalmente motivado, sua apreensão dá-se de forma espontânea, sendo, portanto, comum essa falta de reflexão linguística. Além disso, é uma arte que desde seu surgimento tem como principal fim a geração de renda econômica, o que de alguma forma explica a aplicabilidade de palavras do universo particular desses sujeitos, facilitando a propagação e expansão da renda Renasença entre essas mulheres. Logo, o imediatismo da necessidade de circulação da atividade favorece essa falta de “obrigação” quanto a sua apropriação.

Ademais, para a compreensão das realizações linguísticas desempenhadas pelas rendeiras, é necessário aprofundar a análise dos sentidos vislumbrando o contexto e o cenário em que se apresentam, conforme prevê Ferrarezi Júnior (2010), tentando entender como ocorre a especialização dos sentidos apreendidos e utilizados na feitura dos pontos. Essa nomeação demonstra claramente a compilação de riquezas de saberes que advêm a partir da língua. Optar pela escolha de um vocábulo representa muito sobre o posicionamento sociocognitivo de um grupo social. Portanto, essa escolha, em específico, acaba revelando aquilo que creem, anseiam, gostam, ou seja, aquilo que vislumbram como bom, adequado, importante, entre outros fatores.

De alguma forma, isso ajuda a compreender como é rica de detalhes essa elaboração, ao lançar mão de um vocabulário que as aproximam umas das outras,

seja cultural, social ou religiosamente. Ao mesmo tempo, provoca um determinado distanciamento que as singulariza, assim como a atividade que desempenham, não permitindo a quem é alheio a esse universo o entendimento imediato de elementos tão particulares, a exemplo de seu vocabulário. Isso demonstra como este estudo detém grande relevância na compreensão de atividades como essas.

Por isso, a importância do papel daqueles que desenvolvem estudos linguísticos, ao tentar observar de forma mais ampla as construções realizadas em sociedade, em específico, aquelas que nos cercam cotidianamente, como é o caso das rendeiras de Renascença da cidade de Monteiro-PB, as quais carregam consigo, através de sua arte, toda a beleza e a grandeza que pode emanar da nossa cultura. ●

---

## Referências

- ALMEIDA, Liliane de Souza. *Formação e educação não-formal: um estudo sobre as rendeiras de Renascença da Associação de Artesãos de Monteiro (ASSOAM)*. 2009. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras-Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Monteiro, 2009.
- ALMEIDA, Liliane de Souza. *As práticas de oralidade e de letramento nas falas das rendeiras de Renascença da ASSOAM*. 2011. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Padrões de oralidade presentes na explicação de textos na sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Campina Grande, v. 1, n. 2, p. 27-38, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15481>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. O léxico. *In*: OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. A Linguística, a semântica e o significado. *†*: FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 21-58.
- GARRIDO, Margarida Vaz; AZEVEDO, Catarina; PALMA, Tomás. Cognição social: fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras. *Psicologia*, Lisboa, v. 25, n.1, p. 113-157, 2011. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/282/45>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- NÓBREGA, Christus. Renda Renascença – uma memória de ofício paraibana. João Pessoa: *Sebrae* – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [on-line], 2005.
- PAULA, Maria Helena; ALMEIDA, Mayara Aparecida de; REZENDE, Rayne de Mesquita. Língua, cultura e léxico: confluências entre lexicografia e filologia. *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 7-27, jul-dez, 2016. Disponível em:

---

<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16564>. Acesso em: 08 fev. 2022.

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. Linguagem, cognição e cultura: a hipótese Sapir-Whorf. CadIL, *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 56, p. 229-240, nov. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/83356>. Acesso em: 08 fev. 2022.

VEIT, Mara Regina (org.). *Histórias de sucesso: experiências empreendedoras*. Belo Horizonte: SEBRAE, 2003.

---

 **Meaning and context: relations between language and culture in Renaissance stitch**

 ALMEIDA, Liliane de Souza.

---

**Abstract:** Semantics, according to Ferrarezi Júnior (2010), has gained notoriety since the 1980s as a field of study. It's been just a few decades since the scholars have realized the importance of hitching such studies to the cultural aspects. It's in this conjuncture that the present approach of the lexical choices from a group of speakers (lace women) specifically in the city of Monteiro-PB is inserted. This city develops a handicraft form named Renaissance Lace, and then allows us to reflect about the possibility of hitching to the sociocultural context where they live, by the process of naming stitches. Therefore, this search aimed at observing how these lace-makers take ownership of this vocabulary, which is used to name the sewing stitches and if they can establish connections between the vocabulary and their everyday life. In this research, we noticed that there is a relation between the lace-makers context and the sewing stitches' nomenclature, evidenced through the names pronounced in their daily routine. However, this relation is realized by the lace-makers to such aspects only when reflections upon them are raised.

**Keywords:** contextual semantics; Renaissance lace-makers; cultural motivation.

---

**Como citar este artigo**

ALMEIDA, Lilian de Souza. Significação e contexto: relações entre língua e cultura nos pontos de renda Renascença. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 1. São Paulo, abril de 2022. p. 168-188. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

**How to cite this paper**

ALMEIDA, Lilian de Souza. Significação e contexto: relações entre língua e cultura nos pontos de renda Renascença. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.1. São Paulo, april 2022. p. 168-188. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 11/08/2021.

Data de aprovação do artigo: 29/11/2021.

---

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.  
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

